



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 22 - julho de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i22p73-89>

Só me interessa o que não é meu: a busca antropofágica da alteridade

**I am only concerned with what is not mine: the anthropophagic pursuit of
alterity**

*Edgar Rosa Vieira Filho**

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre a noção de alteridade suscitada pela metáfora/poética antropofágica, idealizada por Oswald de Andrade (1890-1954) em seu *Manifesto Antropófago* (1928) e posteriormente retomada pelo autor na década de 1950. No texto “Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial” (1950), Oswald escreve sobre a sua própria compreensão do fenômeno da alteridade e deixa revelar a presença dessa noção no seio da proposição antropofágica. A fim de se compreender essa relação intrínseca entre a metáfora modernista e a noção de alteridade, buscou-se também apresentar algumas reflexões da crítica contemporânea que evidenciam essa relação e enfatizam a atualidade e a potência reflexiva presentes nas ideias oswaldianas.

PALAVRAS-CHAVE: Oswald de Andrade; Antropofagia; Alteridade; Perspectivismo Ameríndio

ABSTRACT

The present essay aims at reflecting about the notion of alterity within the anthropophagic metaphor/concept put forward by Oswald de Andrade (1890-1954) in his *Cannibalist Manifesto* (1928) and revisited some time later by the author in the 1950's. In his essay “Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial” (1950), Oswald writes about his own view of the phenomenon of alterity and reveals the presence of this notion in the heart of his anthropophagic proposition. In order to understand the intrinsic relation between this modernist metaphor and the concept of alterity, this analysis also seeks to present some reflections on contemporary criticism evincing such relation and emphasizing both the currentness and the reflective power of Andrade's ideas.

KEYWORDS: Oswald de Andrade; Anthropophagy; Alterity, Amerindian Perspectivism

* Universidade de São Paulo – USP – São Paulo; Programa de Pós-Graduação em Língua Estrangeira e Tradução (LETRA) – São Paulo – SP – Brasil – edgarfield@hotmail.com

A antropofagia modernista emerge no contexto literário brasileiro não apenas como uma metáfora, mas como potência reflexiva que visa a uma crítica simultânea ao cenário cultural, político e artístico brasileiro. Trata-se de uma construção metafórica que resgata o ritual canibal ameríndio relatado em terras brasileiras no período do Descobrimento. Complexo e sugestivo por natureza, esse conceito reverbera ainda hoje em discussões no campo da Literatura, tanto para se pensar a questão da influência estrangeira, como as trocas culturais/literárias entre sistemas, cada vez mais evidentes na contemporaneidade.

Desenvolvida por Oswald de Andrade no *Manifesto Antropófago* (1928) ainda na primeira fase do Modernismo brasileiro, a metáfora canibal ressurge no campo da Literatura como um conceito potencial para reflexão e apreensão de fenômenos caros a essa área de estudo. Em especial, na busca por alternativas a categorias clássicas do comparativismo, como aquelas de fonte e influência, e, como se pretende evidenciar no presente artigo, na busca por uma compreensão satisfatória do conceito de identidade, pautando-se principalmente na noção de alteridade que, como veremos, pode ser apreendida tanto da poética antropofágica em si, como do ritual indígena, no qual a metáfora/conceito modernista encontrou inspiração filosófica.

1 *Manifesto Antropófago*: contexto de produção

Publicado no primeiro número da *Revista de Antropofagia* em maio de 1928, o *Manifesto Antropófago* é composto de diversos fragmentos que propõem uma revisão crítica do contexto cultural, histórico, econômico, social e político do país naquela época. Trata-se de um texto redigido aos moldes do gênero manifesto, sendo marca desse gênero a forma fragmentada por meio da qual as ideias são apresentadas e o tom provocativo e, por vezes, irreverente imbuído na defesa de tais ideias.

A produção de manifestos artísticos, recorrente na esfera literária, teve seu ápice no período das vanguardas históricas europeias do início do século XX. Em sua primeira viagem à Europa, no ano de 1912, Oswald entra em contato com os movimentos de vanguarda, o que desencadearia, depois de sua volta ao Brasil, a articulação do movimento modernista. Nesse sentido, poderíamos afirmar que Oswald sofreu influência, ou deglutiu, não apenas os ideais vanguardistas europeus, como também o seu gênero característico.

No que concerne a temática, fica ainda mais evidente a influência que as vanguardas do século XX exerceram sobre o pensamento de Oswald. O resgate do primitivismo como possibilidade de apreensão do artístico livre das convenções estabelecidas pela tradição, conceito bastante explorado pelas vanguardas europeias, assume também nos manifestos oswaldianos um lugar importante, como observado pelo filósofo e crítico literário Benedito Nunes:

Numa sua conferência, feita em 1923, na Sorbonne, em que destacou a presença sugestiva do tambor africano e do canto negro em Paris, como forças étnicas que desembocavam na modernidade, Oswald também afirmou que o século XX estava à procura das fontes emotivas, das ‘origens concretas e metafísicas da arte’. [...] o primitivismo correspondeu ao sobressalto étnico que atingiu o século XX, encurvando a sensibilidade moderna menos na direção da arte primitiva propriamente dita do que no rumo, por essa arte apontado. (NUNES, 1970, p. xviii-xix).

Nessa perspectiva, poderíamos inferir que, se o cubismo importou da África e da Oceania a inspiração primitiva de que precisava para construir a sua vanguarda, Oswald a teria encontrado *in loco*. Se o resgate do primitivismo buscava o “[...] pensamento selvagem – pensamento mito-poético, que é selvagem por oposição ao pensar cultivado, utilitário e domesticado [...]” (NUNES, 1970, p. xviii-xix), podemos, então, compreender a elaboração oswaldiana acerca da antropofagia como um movimento pautado na celebração desse pensamento primitivo/pré-colonial. Sobre essa inspiração primitiva também refletem Antonio Candido e José Aderaldo Castello: “No índio, no mestiço, viram a força criadora do primitivo; no primitivo, a capacidade de inspirar a transformação da nossa sensibilidade, desvirtuada em literatura pela obsessão da moda europeia.” (CANDIDO; CASTELLO, 1972, p. 11).

É interessante notar a correspondência temática e estilística existente entre os dois manifestos escritos por Oswald, *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*¹ e *Manifesto Antropófago*, e os manifestos vanguardistas europeus, *Manifesto Futurista*¹, de Filippo Marinetti, e o *Manifesto Canibal Dadá*², assinado por Francis Picabia, respectivamente. Como pode ser observado, antes mesmo de cunhar o conceito da antropofagia, Oswald já a teria praticado ao ter devorado criticamente outros manifestos e manifestações. Nas palavras do crítico João Cezar de Castro Rocha, “Em si mesmo, o Manifesto

¹ Publicado no jornal francês Le Figaro, em 20 de fevereiro de 1909.

² Publicado na revista parisiense *Dadaphone*, em março de 1920.

Antropófago é pouco original, representando menos uma ‘criação’ oswaldiana do que um autêntico gesto antropofágico de apropriação da atmosfera cultural dos anos 1920.” (2011, p. 654).

Existe uma grande proximidade entre os dois manifestos escritos por Oswald, principalmente no que se refere ao tema ou reivindicação. No primeiro, o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, afirma Nunes (ROCHA, 2011, p. XIV), “[...] já se introduz uma apreciação da realidade sociocultural brasileira [...]”; entretanto, este assume características particulares a manifestos vanguardistas, uma vez que fala mais diretamente sobre uma nova proposta de produção literária: “[...] o trabalho contra o detalhe naturalista – pela *síntese*; contra a morbidez romântica – pelo *equilíbrio* geométrico e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*.” (ANDRADE, 2011, p. 24). Ao passo que o segundo, o *Manifesto Antropófago*, parece estar mais empenhado em vociferar críticas ao atraso político e cultural do país naquele contexto.

O *Manifesto Antropófago* pode ser entendido como uma amplificação, ou melhor, uma problematização mais latente das críticas anteriormente apresentadas no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, resultando, assim, no aprofundamento conceitual daquelas ideias. Os críticos Antonio Candido e José Aderaldo Castello salientam essa ampliação – ou requinte conceitual – observada no segundo movimento/manifesto, que encontrou no campo da filosofia sustentação para o seu pensamento:

Do primitivismo de Pau-Brasil, saiu em 1927 o movimento Antropófago. [...] A posição anterior é aí requintada em sentido mitológico e simbólico mais amplo, com uma verdadeira filosofia embrionária da cultura. Oswald propugnava uma atitude brasileira de devoração ritual dos valores europeus, a fim de superar a civilização patriarcal e capitalista, com as suas normas rígidas no plano social e os seus recalques impostos, no plano psicológico. (1972, p. 16).

É no segundo manifesto que Oswald introduz a metáfora da antropofagia, um artifício ironicamente pedagógico para se pensar a relação com o outro. Referências ao fenômeno da antropofagia são recorrentes na cultura ocidental seja no âmbito simbólico ou mesmo relativo a sua prática factual. A antropofagia está presente desde o mito grego, em que o deus Cronos devora seus filhos, até o ritual cristão em que Jesus oferece metaforicamente sua carne a seus discípulos, ritual que perdura na celebração

católica até os dias atuais. Segundo consta na biografia de Tarsila do Amaral³, Oswald teria se inspirado no quadro que dela recebera de presente para pensar o seu manifesto. O quadro batizado de *Abaporu*, que na língua tupi-guarani significa devorador de homens, tornou-se, mais tarde, o símbolo do movimento.

Como observa Nunes (1970, p. xxx-i), Oswald teria assimilado tanto a ideia de antropofagia ritual quanto o contraste entre vida primitiva e vida civilizada, que suscitou o embate entre matriarcado e patriarcado tão enfatizado no seu manifesto, do ensaio *Des Cannibales*⁴, inserido no capítulo XXXI dos *Essais* (1580) de Montaigne. Inspirado na obra *Totem e Tabu* (1913), na qual Freud chega à hipótese do mito do parricídio canibal⁵ para explicar a passagem do estado natural ao social, Oswald teria pensado a expressão “transformação permanente de tabu em totem” inserida no seu manifesto.

Nunes também reflete sobre a potência semântica contida na palavra antropofagia e o impacto causado pelo seu uso. Segundo o crítico, a percepção do canibalismo como uma possibilidade real confere ao leitor repulsa e pavor, uma vez que essa prática é considerada bárbara e impensável em sociedades civilizadas:

Usando-a pelo seu poder de choque, esse Manifesto lança a palavra “antropofagia” como pedra de escândalo, para ferir a imaginação do leitor com a lembrança desagradável do canibalismo, transformada em possibilidade permanente da espécie. Imagem obsedante, cheia de ressonâncias mágicas e sacrificiais, com um *background* de anedotas de almanaque, mas também com uma aura soturna e saturniana, tal palavra funciona como engenho verbal ofensivo, instrumento de agressão pessoal e arma bélica de teor explosivo, que distende, quando manejada, as molas tensas das oposições e contrastes éticos, sociais, religiosos e políticos, que se acham nela comprimidos. (NUNES, 1970, p. 25).

O uso dos termos *antropofagia*, nos aforismos, e *antropófago*, no próprio título, fica claro na assinatura de Oswald: “Em Piratininga/ Ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha⁶”, fato histórico de canibalismo ocorrido no Brasil⁷. Vale ressaltar que a

³ Em janeiro de 1928, Tarsila queria dar um presente de aniversário ao seu marido, Oswald de Andrade. Pintou o ‘Abaporu’. Quando Oswald viu, ficou impressionado e disse que era o melhor quadro que Tarsila já havia feito. Chamou o amigo e escritor Raul Bopp, que também achou o quadro fantástico. Batizou-se o quadro de Abaporu, que significa homem que come carne humana, o antropófago. E Oswald escreveu o Manifesto Antropófago e fundaram o Movimento Antropofágico. (Relato disponível no site oficial da pintora Tarsila do Amaral: <http://tarsiladoamaral.com.br/biografia/>).

⁴ Relato do presumido encontro de Montaigne, na cidade de Rouen, com índios capturados no Brasil.

⁵ Referência ao mito da horda primavera, no qual os filhos expulsos do clã matam e devoram o pai tirânico, adquirindo, assim, a sua força e encerrando a horda patriarcal.

⁶ Dom Pero Fernandes Sardinha foi o primeiro bispo brasileiro. De origem portuguesa, veio para São Salvador da Bahia, para converter indígenas ao catolicismo. Renunciou ao cargo em 1556 e embarcou

metáfora escolhida por Oswald não se restringe ao fato histórico citado. Seu uso também resgata o período histórico do Descobrimento, momento em que a força colonizadora forjou a imposição de valores europeus aos povos nativos. Essa leitura pode ser evidenciada por fragmentos do manifesto: “Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas”.

Uma leitura superficial, guiada apenas pela metaforização, deveras irônica, do fato histórico, sugerirá tão somente um sentimento de vingança atrelado ao conceito de antropofagia apresentado no Manifesto. Há de se realizar uma leitura cuidadosa dos aforismos que o compõem, mantendo em vista o contexto histórico e o momento sociocultural que impulsionaram a sua idealização. Essa leitura contextual e ampliada verificará que, de modo simultâneo, o *Manifesto Antropófago* propõe uma revisão utópica do passado histórico, manifesta duras críticas ao presente, e clama por um posicionamento coletivo de criticidade para a construção de um devir, também utópico.

No ano de 1950, Oswald escreve a tese para concurso *A Crise da Filosofia Messiânica* a fim de pleitear a cátedra de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, concurso que não se realizou. Na sua tese, Oswald retoma as ideias cunhadas em 1928 e propõe seu aprofundamento teórico no campo da filosofia. À antropofagia ritual, atribui o status de *Weltanschauung*, cosmovisão característica a certas comunidades primitivas e matriarcais. Em oposição a essa visão antropofágica, estaria a cultura messiânica que rege as sociedades civilizadas, de orientação patriarcal.

Nas palavras de Oswald (1970, p. 81): “A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo”. Ainda segundo o autor, o desenvolvimento tecnicista traria ao homem civilizado o ócio a ele negado pelo sistema patriarcal, fenômeno que possibilitaria seu retorno ao pensamento primitivo e a revivescência do matriarcado, acarretando, assim, na crise da filosofia messiânica. Oswald preconizava a negação de valores patriarcais e a desconstrução da crença messiânica, e acreditava que o progresso traria ao homem moderno a criticidade necessária à construção de um outro tipo de civilização, análoga àquela de pensamento selvagem.

para Lisboa, porém o navio em que viajava naufragou na foz do rio Coruripe, na costa alagoana. Sobreviveu ao naufrágio, mas foi aprisionado pelos índios caetés, que o devoraram em um ritual antropofágico.

⁷ Oswald comete um deslize cronológico na conclusão do manifesto. A soma 1556 + 374 não resulta no ano de publicação do Manifesto (1928).

O antropólogo Renato Sztutman (2007, p. 12-13 *apud* FALEIROS, 2013, p. 116), ao tecer considerações sobre os manifestos oswaldianos e a sua retomada da antropofagia nos anos 1950, afirma ser os conceitos antropológicos trabalhados por Oswald “obsoletos e equivocados”, e ressalta que sua reflexão presente nesses ensaios acabou por se distanciar do ritual antropófago no qual se inspirara:

As fortes intuições contidas nos aforismos de ambos os manifestos não alcançaram nesses ensaios um sistema propriamente filosófico. Oswald manejava, ademais, conceitos antropológicos obsoletos e equivocados – por exemplo, o de “matriarcado”, como figura em Morgan e Bachofen –, importados de um conjunto de teorias evolucionistas, presas a projeções incessantes de noções ocidentais-modernas sobre o universo indígena. Embora tenha gerado *insights* instigantes, ao buscar transpor seus manifestos para teses acadêmicas, Oswald emaranhou-se num mar de teorias por vezes desconexas, distanciando-se cada vez mais de sua fonte de inspiração, o mundo tupi-guarani. (SZTUTMAN, 2007, p. 12-13 *apud* FALEIROS, 2003, p. 116).

Como pode ser observado, a retomada, cerca de 20 anos mais tarde, da metáfora cunhada em 1928, enveredou-se pelo campo dos estudos filosóficos. Oswald pretendia elevá-la ao *status* de cosmovisão; entretanto, essa tentativa de reelaboração filosófica da antropofagia modernista parece ter reduzido sua potencialidade como poética do pensamento. Ainda em relação a seus ensaios, vale ressaltar que, embora encontre mais respaldo teórico na filosofia, sua leitura contribui para uma melhor compreensão das ideias/aforismos inseridos no *Manifesto Antropófago*.

2 A busca antropofágica da alteridade

O diplomata e escritor brasileiro João Almino, ao interpretar o primeiro aforismo inscrito no *Manifesto Antropófago*, oferece uma leitura bastante pertinente sobre o papel da alteridade na constituição de uma identidade coletiva. Para o escritor, a consciência da existência do alheio é o fator primeiro para a concepção de um “nós”:

Ao procurar responder à questão básica sobre “o que nos une”, a metáfora antropófaga indica que o que nos une é o outro, é o fato de ele existir, de termos interesse por ele e sobretudo de querermos devorá-lo. Já no seu início, o *Manifesto* deixa isto claro: “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”. (ALMINO, 2011, p. 55).

Na introdução ao livro de ensaios *Antropofagia hoje?* Oswald de Andrade em cena (2011), do qual é co-idealizador, João César de Castro Rocha, aponta para essa temática da alteridade que pode ser depreendida da elaboração antropofágica, ou teoria oswaldiana, como prefere o crítico. Segundo o pesquisador, a leitura que se quer mais pertinente da antropofagia deve, imperiosamente, estar centrada na noção de alteridade que permeia a elaboração oswaldiana. Em uma comparação ao pensamento de Arthur Rimbaud, o pesquisador afirma:

Em última instância, esse é o significado mais instigante da antropofagia, já vislumbrado visionariamente pelo antropófago-mor Arthur Rimbaud: “*Je est un autre*”. E é apenas *através* do outro que podemos conhecer (um pouco) de nós mesmos. A teoria oswaldiana exige uma releitura antropológica da antropofagia. Releitura que, pela própria dinâmica do olhar antropológico, ultrapassa fronteiras nacionais, oferecendo um modelo fecundo para refletir sobre a transmissão de valores em situações culturais assimétricas. (ROCHA, 2011, p. 13).

Ainda segundo João César, uma releitura contemporânea da Antropofagia não só é possível, como também é bastante oportuna para pensarmos o contexto da globalização na sua face cultural, dada todas as possibilidades midiáticas que operam na transmissão e circulação de conteúdos provenientes das mais diversas culturas.

Vale ressaltar que o próprio Oswald propõe uma reflexão sobre o conceito de alteridade quando retoma a antropofagia em 1950 no texto “Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial”⁸. Na sua proposição, Oswald atribui o sentimento brasileiro de cordialidade e receptividade ao estrangeiro à sua experiência primitiva matriarcal. Ainda que esse argumento soe infundado, e possa ser facilmente refutado por estudos antropológicos, sua tentativa de apreensão do conceito de alteridade revela o interesse do autor por esse fenômeno. No trecho destacado a seguir, Oswald pretende diferenciar o sentimento de querer ser outro e o sentimento de enxergar-se como o outro:

Pode-se chamar de alteridade ao sentimento do outro, isto é, de ver-se o outro em si, de constatar-se em si o desastre, a mortificação ou a alegria do outro. Passa a ser assim esse termo o oposto do que significa no vocabulário existencial de Charles Baudelaire – isto é, o sentimento de ser outro, diferente, isolado e contrário. A alteridade é

⁸ Comunicação proferida ao Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia e posteriormente publicada em forma de artigo nos anais desse congresso.

no Brasil um dos sinais remanescentes da cultura matriarcal. (ANDRADE, 1970, p. 141).

Essa diferenciação parece ganhar mais clareza se tentarmos estabelecer um diálogo entre ela e as proposições da vanguarda antropofágica. O combate à simples cópia de modelos europeus, sua principal proposição, parece estar pautado na primeira definição de alteridade apresentada por Oswald, “ver-se o outro em si”, e não no sentimento de “ser outro”. Ou seja, o objetivo do escritor moderno deveria ser o deslocamento de si até o outro, mas sem perder de vista o seu eu que viria a ser afetado/alargado nessa relação. Portanto, se a Europa representa esse outro, ao eu moderno não caberia desejar ser esse outro, mas se deixar afetar por ele de modo a expandir sua própria identidade.

Reflexões mais claras sobre essa afetação causada pela busca da alteridade podem ser verificadas em estudos antropológicos do ritual canibal, como no ensaio “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem” (1992), escrito por Viveiros de Castro. Ao estudar os relatos dos cronistas e missionários que mantiveram contato com os índios Tupinambá, o antropólogo constatou que tanto a crença como a essência da organização social dessa tribo eram asseguradas pela complexa prática do ritual antropofágico:

A religião tupinambá, enraizada no complexo do exocanibalismo guerreiro, desenha uma forma onde o *socius* se constitui na relação com o outro, onde a incorporação do outro depende de um sair de si. [...] Esta sociedade não podia ser pensada fora de sua relação intrínseca com a alteridade. (VIVEIROS DE CASTRO, 1992, p. 39).

Movidos pelo desejo de vingança e buscando incessantemente a reafirmação da honra do grupo, os nativos aprisionavam integrantes de tribos rivais, que, posteriormente, num ritual repleto de simbologia, seriam mortos e devorados. O que provavelmente fugirá à compreensão imediata do observador dito civilizado será a complexa relação estabelecida entre aqueles que devoram e os que são devorados. Como mostrado por Viveiros de Castro, a leitura de relatos do momento da execução revela um entrecruzamento dos papéis do cativo e de seus captores, o “sair de si” de que nos fala o antropólogo. Nessa relação, ambos, o algoz e a vítima, deixam o seu eu afetar e ser afetado pelo outro, no que poderíamos chamar de entrega à alteridade:

O diálogo parecia inverter as posições dos protagonistas. Anchieta se espanta: o cativo ‘mais parecia estava para matar os outros que para ser morto’. E Soares de Souza registra esta outra inversão, agora temporal: os cativos diziam ‘que já estavam vingados de quem o há de matar’. (VIVEIROS DE CASTRO, 1992, p. 48).

O grau de complexidade da antropofagia ritual, e aqui fazemos referência ao ritual tupinambá apenas, extrapola, de certo modo, as inferências apreendidas do manifesto oswaldiano. Para compreendê-la na sua complexidade, há de se debruçar em estudos antropológicos e fazer um verdadeiro exercício de alteridade. Deve-se abrir mão da definição pré-estabelecida de conceitos ocidentais, como vingança, morte e honra, e sair-se de si em um deslocamento perspectivista, para que, ao retornar, consiga ver-se o outro em si.

Como podemos perceber, o conceito de alteridade parece estar no cerne tanto da antropofagia metafórica idealizada por Oswald, como no próprio ritual antropofágico. O antropólogo e professor Carlos Fausto reflete sobre a pertinência da apropriação modernista do ritual canibal, a chamada “antropofagia literal”, para a construção do que ele denomina “antropofagia literária”. Segundo Fausto, “[...] a antropofagia modernista era congruente com as representações indígenas [...]”, uma vez que em ambas, seu movimento “[...] não deve ser entendido como mera identificação ao outro nem como simples negação do outro [...]” (2011, p. 169), sendo, portanto, um movimento dialético, pois não implica a incorporação deliberada e tampouco a recusa da alteridade.

3 Antropofagia cultural

O legado oswaldiano tem sido frequentemente revisitado pela crítica literária nacional desde a década de 1970. Na sua maior parte, a leitura crítica de ensaístas modernos e contemporâneos assinalam a relevância e pertinência do pensamento oswaldiano e, mais especificamente, da metáfora/conceito da antropofagia, que, entre outras leituras, servirá de base reflexiva para se pensar as relações de troca entre sistemas literários e culturais.

Vale ressaltar que, como poderíamos esperar, a maioria dos textos críticos à antropofagia oswaldiana não está pautada no *Manifesto Antropófago* de forma isolada. Uma compreensão satisfatória do conceito de antropofagia requer um mergulho no contexto histórico do nascimento do movimento modernista brasileiro, passando pela semana de Arte Moderna de 1922, a publicação do *Manifesto de Poesia Pau-Brasil*, as

duas fases, ou dentições, da *Revista de Antropofagia*, incluindo as querelas documentadas em suas páginas, o abandono do conceito por parte do seu idealizador e sua retomada no campo da filosofia cerca de 20 anos mais tarde.

Em 1980, Haroldo de Campos publica o ensaio “Da Razão Antropofágica: Diálogo e Diferença na Cultura Brasileira”, no qual discorre sobre o conceito de antropofagia numa perspectiva comparatista. Segundo Campos (2013) – e aqui podemos evocar os conceitos de intertextualidade e dialogismo para compreender o seu pensamento –, a apropriação/antropofagia literária seria um processo natural, inerente à produção literária.

Na leitura de Haroldo, o conceito de antropofagia possibilita a reflexão crítico-teórica de um fenômeno bastante relevante nos estudos literários: a questão da influência ou diálogo entre produções literárias. Ao construir sua argumentação, o crítico traz a seguinte citação de Goethe: “Toda literatura, fechada em si mesma, acaba por definhar no tédio, se não se deixa, renovadamente, vivificar por meio da contribuição estrangeira [...]”, e completa: “A alteridade é, antes de mais nada, um necessário exercício de autocrítica.” (CAMPOS, 2013, p. 255). Vale mencionar que, essa afirmação vai de encontro à crítica ao Nacionalismo, que, até então, se fazia presente na nossa tradição crítica.

Seguindo na sua reflexão, Haroldo pontua a necessidade já expressa em Oswald de pensar o nacional em relacionamento dialógico e dialético com o universal, e reflete sobre a produção do que ele denomina “novos bárbaros”, tendo como finalidade expandir a noção de influência. Se no período colonial, a literatura produzida no novo continente era majoritariamente influenciada pelo velho mundo, na pós-modernidade, o velho mundo também sofria influências da produção literária das antigas colônias: “A um certo momento, com Borges pelo menos, o europeu descobriu que não podia mais escrever a sua prosa do mundo sem contributo cada vez mais avassalador da diferença aportada pelos vorazes bárbaros alexandrinos”. (CAMPOS, 2013, p. 253-254).

Vale ressaltar que o pensamento oswaldiano, em especial sua elaboração acerca da antropofagia, serviu de respaldo conceitual aos irmãos Campos na sua defesa pela incorporação do internacionalismo, que, embora já praticada por eles, era ainda uma postura muito condenada pela crítica nacional mais conservadora.

A influência da antropofagia na pós-modernidade não se restringiu ao campo literário. Movimentos artísticos na área musical e cinematográfica também trouxeram para o seio de sua filosofia artística o conceito oswaldiano. Esse foi o caso dos

movimentos *Tropicalista* e *Cinema Novo* do final da década de 1960, que se apropriaram da dialética nacional/cosmopolita proposta pelo manifesto a fim de legitimar a devoração do alheio e repensar a temática do nacionalismo ufanista. Nas palavras do compositor Caetano Veloso, integrante ativo do grupo tropicalista: “Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse [...]. A ideia do canibalismo cultural servia-nos, aos tropicalistas, como uma luva. Estávamos ‘comendo’ os Beatles e Jimi Hendrix.” (VELOSO, 1997, p. 247 *apud* ROCHA, 2011, p. 653).

Em reflexão próxima àquela apresentada por Haroldo de Campos, a professora e crítica literária Leyla Perrone-Moisés publica, no livro *Flores da escrivantina* (1990), o ensaio “Literatura comparada, intertexto e antropofagia” (1982), no qual propõe uma reavaliação de pressupostos e objetivos vigentes nos estudos de literatura comparada, por meio da projeção de propostas teóricas do século XX⁹. Entre essas propostas, está o que a autora denomina de antropofagia cultural, entendida por ela, porém, não como uma teoria propriamente dita, mas como uma sugestão. Como salienta Leyla, a importância está na abertura ao outro que é possibilitada pelo fenômeno da antropofagia cultural. A autora enfatiza ainda o vasto alcance do pensamento oswaldiano:

A antropofagia cultural proposta por Oswald de Andrade (1928) coincide, em muitos pontos, com a teoria da intertextualidade e com as teorias de Tiniánov e Borges sobre a tradição. A Antropofagia é antes de tudo o desejo do Outro, a abertura e a receptividade para o alheio, desembocando na devoração e na absorção da alteridade. [...] A Antropofagia oswaldiana é um projeto filosófico e cultural de vasto alcance embora não sistemático, um projeto constituído mais de sugestões sibilinas e contundentes do que de um discurso propriamente teórico. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 95-96).

Mais adiante na elaboração do seu pensamento, a autora revisita o ritual canibal metaforizado por Oswald a fim de reiterar a pertinência da comparação observada entre os fenômenos da antropofagia e da intertextualidade:

Os índios, ponto de partida dessa metáfora, não devoravam qualquer um de qualquer modo. Os candidatos à devoração, antes de serem ingeridos, tinham de dar provas de determinadas qualidades, já que os índios acreditavam adquirir as qualidades do devorado. Há, então, na

⁹ Perrone-Moisés faz referência a Bakhtin e Kristeva (dialogismo e intertextualidade), a Tiniánov e Borges (evolução literária e tradição) e, finalmente, a Oswald de Andrade (antropofagia cultural).

devoração antropofágica, uma seleção como nos processos da intertextualidade. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 96).

Como muito bem observado por Perrone-Moisés, contrariamente ao que alguns afirmam, a antropofagia cultural é um tipo de devoração crítica, não apenas um processo indiscriminado de absorção do alheio. A leitura dos fragmentos: “Só me interessa o que não é meu” em contraste com “Contra os importadores de consciência enlatada”, ambos inseridos no manifesto, assegurariam essa conclusão (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 96).

Novamente no ano de 2007, ao refletir sobre a questão do nacionalismo na literatura pós-colonial no seu livro *Vira e mexe, nacionalismo – paradoxos do nacionalismo literário*, Perrone-Moisés retoma a antropofagia oswaldiana a fim de compreender o fenômeno da influência literária entre as colônias e seus centros. No artigo “Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina”, Leyla afirma que o conceito de antropofagia cunhado por Oswald surge como uma proposta para resolver a chamada angústia da influência, vivenciada pelos sistemas literários das ex-colônias. Nas palavras da autora:

Oswald de Andrade propôs uma solução para o problema das influências estrangeiras, que consistiria, não na sua recusa, mas na sua incorporação deliberada. [...] Oswald considerava que, pela dupla operação de assassinato e devoração do pai europeu, o filho resolveria seu complexo de Édipo e transformaria o Tabu em Totem. (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 45-46).

Discussões a respeito do alcance da Antropofagia oswaldiana não se restringem ao campo da crítica literária. O interesse pelo seu legado conceitual pode ser observado em diferentes áreas, como na História, Filosofia e Antropologia. Neste último campo de estudos, é de extrema valia considerarmos as observações do professor e antropólogo Eduardo Viveiros de Castro a respeito da antropofagia oswaldiana, para quem a importância do conceito também é de ordem política, uma vez que seria o único conceito realmente nosso, fabricado no Brasil, e de fato revolucionário:

[A antropofagia é] a reflexão metacultural mais original produzida na América Latina até hoje. A antropofagia foi a única contribuição realmente anti-colonialista que geramos, [...] Ela jogava os índios para o futuro e para o ecúmeno; não era uma teoria do nacionalismo, da volta às raízes, do indianismo. Era e é uma teoria realmente revolucionária. (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 168).

Sobre esse comentário, vale ressaltar a dificuldade, ainda hoje existente, em compreender a antropofagia como um conceito que transcende a ideia de nacionalismo. A antropofagia oswaldiana se preocupou pontualmente com o problema da influência estrangeira na cultura brasileira, sendo, portanto, uma reflexão metacultural. Entretanto, pelo fato de sua proposta estar pautada na dialética entre o nacional e o cosmopolita, esta poderia servir a qualquer sociedade em que existir o fenômeno de trocas culturais.

Essa dificuldade de conceber a antropofagia como um conceito mais abrangente pode ser observada, por exemplo, na interpretação equivocada do aforismo *Tupy or not tupy that is the question* como uma espécie de negação da produção literária estrangeira e um enaltecimento da temática nacional expresso pelo uso da figura do indígena. Tal interpretação representaria o pensamento e as reivindicações do antagônico grupo Anta, cuja filosofia pautava-se na negação absoluta do estrangeiro, aproximando-se do que podemos chamar de ufanismo fascista. No seio do pensamento antropofágico, o aforismo em questão representaria o oposto: a apropriação de uma obra ou autor estrangeiro para se pensar o nacional, evidenciando, portanto, o carácter universal da literatura.

A pesquisadora Márcia Ivana de Lima e Silva concebe essa apropriação da célebre frase de Shakespeare como “a chave de leitura” do *Manifesto Antropófago*:

Numa simples frase está contida a própria razão de ser do Movimento e a chave de leitura do Manifesto. Eis porque é possível pensar o Manifesto em sua dupla proposição: a filosófica e a estética. Ele pode ser lido ao mesmo tempo como indicação e como concretização, vide o exemplo da frase performática que insere na estrutura já cristalizada em inglês a referência indígena, aproveitando-se da semelhança sonora. (SILVA, 2014, p. 64-65).

É também contra essa leitura reducionista do manifesto que o professor João Cézar de Castro Rocha sugere o que ele denomina desnacionalização e desoswaldianização do *Manifesto Antropófago*, de modo a atualizar a leitura do conceito da antropofagia e resgatar sua potência reflexiva, não como uma proposição obcecada pela identidade nacional, mas “[...] como a promessa de uma imaginação teórica da alteridade, mediante a apropriação criativa da contribuição do outro.” (2011, p. 654).

João César de Castro Rocha enxerga nos estudos de Viveiros de Castro acerca do perspectivismo, conceito concebido pelo antropólogo como sendo “[...] da mesma família política e poética que a antropofagia de Oswald [...]” e “[...] a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002 p. 129 *apud* ROCHA, 2011, p. 668), um espaço profícuo para se repensar o alcance da antropofagia modernista. Nas palavras do pesquisador:

A antropofagia oswaldiana oferece um caminho novo ainda a ser trilhado. A potência oswaldiana de apropriação do alheio para a transformação do próprio pensamento tem estimulado uma das mais originais formulações da antropologia contemporânea: o perspectivismo. [...] Os estudos literários e a crítica cultural ainda não foram capazes de responder à potência da antropofagia oswaldiana com o vigor e a inteligência de Eduardo Viveiros de Castro. (ROCHA, 2011, p. 668).

Vale ressaltar que as reflexões de Perrone-Moisés já apontam para uma ressignificação conceitual da antropofagia proposta por Oswald. Com o intuito de reafirmar sua potência reflexiva para o campo da Literatura Comparada, essa estudiosa propõe uma espécie de deslocamento da metáfora modernista do seu contexto de produção e estimula o diálogo entre o pensamento oswaldiano e outras proposições teóricas.

Conclusão

Como podemos notar, discussões a respeito da antropofagia oswaldiana ainda não se esgotaram nesses quase 90 anos da publicação do *Manifesto Antropófago*. Esse fato, por si só, evidencia a força conceitual e sugestiva condensadas na metáfora desde a sua idealização. Muito provavelmente, Oswald não poderia imaginar o impacto e a reverberação que suas ideias alcançariam quase um século depois da sua divulgação. Não houve, é verdade, a pretensão do autor de desenvolver uma teoria sistemática nesse manifesto. E talvez, pelo mesmo motivo que afirmamos que a boa literatura é atemporal, o *Manifesto Antropófago* continua sendo digerido e regurgitado na contemporaneidade.

Como tentamos demonstrar, o conceito de antropofagia oswaldiano é ainda hoje revisitado por diversos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento. A antropofagia cultural serve de sugestão teórica aos estudos comparatistas, como observam Perrone-

Moisés e Haroldo de Campos. Ademais, como pontuado por Castro Rocha, o conceito de alteridade depreendido do Manifesto mostra-se extremamente relevante para se pensar as trocas culturais globais realizadas na atualidade.

Uma teoria ou uma sugestão? Tendemos a concordar com Perrone-Moisés. Não podemos tomar o *Manifesto Antropófago* como um texto teórico, dada a sua abrangência aforística e sua natureza não científica. Mas podemos concebê-lo como um texto artístico base de reflexões porvir, um texto que pede para ser deglutido e ressignificado. Nesse sentido, poderíamos pensar em aproximações antropofágicas, não oswaldianas, mas de estudiosos que encontram no seu manifesto pistas para abordar problemáticas ainda não resolvidas.

REFERÊNCIAS

ALMINO, J. Por um Universalismo Descentrado: considerações sobre a metáfora Antropófaga. In: ROCHA, J. C. C.; RUFFINELLI, J. (Ed.). **Antropofagia hoje?** Oswald de Andrade em cena. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

ANDRADE, O. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Manifestos, teses de concursos e ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Obras Completas VI).

ANDRADE, O. Manifesto Antropófago. In: **Revista de Antropofagia**. São Paulo: Abril, 1975.

ANDRADE, O. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: ROCHA, J. C. C.; RUFFINELLI, J. (Ed.) **Antropofagia hoje?** Oswald de Andrade em cena. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

CAMPOS, H. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. **Presença da Literatura Brasileira**. III Modernismo. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FALEIROS, A. Antropofagia modernista e perspectivismo ameríndio: considerações sobre a transcrição poética desde Haroldo de Campos. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 107-119, jan./jun. 2013. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/Ipotesi_17.1-CAP10.pdf. Acesso em: 28 fev. 2019.

FAUSTO, C. Cinco Séculos de Carne de Vaca: Antropofagia Literal e Antropofagia Literária. In: ROCHA, J. C. C.; RUFFINELLI, J. (Ed.) **Antropofagia hoje?** Oswald de Andrade em cena. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

NUNES, B. Antropofagia ao alcance de todos. *In*: ANDRADE, O. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Manifestos, teses de concursos e ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Obras Completas VI).

PERRONE-MOISÉS, L. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. *In*: PERRONE-MOISÉS, L. **Flores da escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PERRONE-MOISÉS, L. **Vira e mexe, nacionalismo**: paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

ROCHA, J. C. C. Oswald em Cena: o Pau-Brasil, o Brasileiro e o Antropófago. *In*: ROCHA, J. C. C.; RUFFINELLI, J. (Ed.) **Antropofagia hoje?** Oswald de Andrade em cena. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

ROCHA, J. C. C. “Uma Teoria de Exportação? Ou: ‘Antropofagia como visão de Mundo’”. *In*: ROCHA, J. C. C.; RUFFINELLI, J. (Ed.) **Antropofagia hoje?** Oswald de Andrade em cena. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

SILVA, M. I. L. Para uma poética da criação: antropofagia, intertextualidade, redes. **Cenários**, Porto Alegre, n. 9, p. 62-72, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=cenarios&page=article&op=view&path%5B%5D=863&path%5B%5D=546>. Acesso em: 1 mar. 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 21-74. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111318/109542>. Acesso em: 1 mar. 2019.

Data de submissão: 20/05/2018

Data de aprovação: 09/10/2018